

ESTUDOS LITERÁRIOS

Literary Studies

O LUGAR DA SUBJETIVIDADE:
A IMPORTÂNCIA DO LUGAR NA IDENTIDADE
FICCIONAL DE MANOEL DE BARROS

*The place of subjectivity: the importance of place in
the fictional identity of Manoel de Barros*

Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins*
Sérgio Ricardo Oliveira Martins**

RESUMO

O lugar, como a linguagem e os costumes, preenche os sentidos do poeta e expressa a identidade e as particularidades dele. Com tal pressuposto, objetivou-se neste trabalho demonstrar a importância do lugar na poética de Manoel de Barros. Partiu-se de uma concepção humanística de lugar, resultado da apropriação afetiva do espaço, em que evolui o sentimento de pertença. Verificou-se pelas obras analisadas que a importância do lugar é expressa, sobretudo, na memória da infância. O Pantanal, pela infância do poeta, é lugar de peripécias linguísticas e literárias.

Palavras-chave: *literatura; lugar; identidade.*

ABSTRACT

Place, such as language and customs, fills the poet's meaning and expresses his identity and peculiarities. Starting from this premise, the aim of this study is to demonstrate the importance of place in the poetics of Manoel de Barros. We started from a

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Estudos Literários/Unesp - Campus de Araraquara.

** Doutor em Geografia Humana (FFLCH/USP) e professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Docente do Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços - Campus Pantanal.

humanistic conception of place as a result of emotional ownership of space, which evolves into a sense of belonging. It was verified in the analyzed works that the importance of place is expressed especially in childhood memory. Pantanal, from the poet's childhood, is a place of linguistic and literary adventures.

Keywords: *literature; place; identity.*

INTRODUÇÃO

O momento atual é intersemiótico, conectado e questionador de paradigmas. A reflexão sobre a contemporaneidade situa o ser humano diante de sua paradoxal perspectiva, fazendo com que as dimensões antes fixadas ou nomeadas de “verdades absolutas” desmoronem. O contemporâneo é comumente entendido como algo que se diz respeito ao “agora”, ao “atual”. No dicionário Caldas (1974), os termos “contemporâneo” e “contemporaneidade” aparecem correlatos.

Contemporaneidade, s. f. a qualidade ou circunstância de ser contemporâneo, de existir ao mesmo tempo. || F. *Contemporâneo*.

Contemporâneo, adj. que é do mesmo tempo: coevo; que vive ou viveu na mesma época [...]. || Que existe, existiu ou começou ao mesmo tempo [...]. || Do nosso tempo, de hoje, atual [...]. || F. lat. *Contemporaneus* (CALDAS, 1974, p. 821).

Para Schøllhammer (2009, p. 9), “[o] contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo”. No entanto, ainda para o crítico, o sujeito contemporâneo surge pertencendo ao seu tempo, mas de maneira desconexa com a realidade, criando uma dimensão outra. O rápido desenvolvimento tecnológico, principalmente no âmbito dos transportes e da comunicação, possibilitou que a informação sobre os acontecimentos e experiências pudesse fluir e se disseminar com maior velocidade e alçar à condição de quase onisciente. Imerso em suas próprias efemeridades e inconstâncias, em diálogo ininterrupto com seu entorno, o ser humano se vê forçado a modificar seu modo de ver o mundo, de pensá-lo e nele perceber-se. O lugar, nesse contexto, sofre um redimensionamento de suas formas e conteúdo e adquire fluidez, com implicações diretas na cultura, no sujeito e na (re)construção de sua identidade.

Essa suposta diluição (ou reconstrução) que se vive hoje desnorteia conceitos culturais e inverte valores, como assinala Capra (1999); mas apenas parece anular distâncias geográficas e esmaecer a importância do território nas relações e ações humanas; tornou mais evidente a dialética e antagônica relação entre local-global. Reivindica-se o direito à diferença e a possibilidade de o diferente coexistir sem perda de suas características essenciais, de sua individualidade. Aparentemente paradoxal, a busca ou reivindicação da essência que diferencia particularmente o indivíduo implica questionamentos sobre a própria visão de mundo. A exaltação da individualidade diante do quadro de inquietude e “verdades” que desmoronam não se comporta como posicionamentos incompatíveis, mas um modo desta sociedade de consumo imediato reposicionar dialéticas que permeiam o ambiente social, econômico e cultural. Não há culturas, identidades ou lugares homogêneos exclusivamente, há culturas, identidades e lugares heterogêneos.

Como pressuposto às reflexões contidas neste texto, tem-se que a questão da identidade perpassa o lugar, este construto resultante da relação entre o sujeito e um elenco de objetos e ações espaciais que lhes são familiares, que o envolvem em seu cotidiano. O lugar é espaço apropriado afetivamente, percebido e sentido pelo sujeito como seu. O espaço geográfico desta relação é tão material e objetivo (casa, rua, praça, cidade), quanto imaterial e subjetivo (meu lar, minha rua, minha praça, minha cidade).

O presente artigo objetiva refletir sobre essa edificação identitária na perspectiva do lugar, suas implicações no sujeito contemporâneo e sua manifestação na Literatura. No foco desta reflexão está um autor, sua obra e seu lugar: Manoel de Barros e Pantanal. A análise aqui empreendida elege alguns poemas de Manoel de Barros para dimensionar a relação do sujeito e sua identidade com o lugar, tendo em vista sua conexão subjetiva com o Pantanal e Corumbá. A escolha se justifica pela oportunidade de visualizar (sem necessariamente contrapor) a dimensão nacional da obra e a dimensão local/regional da identidade do poeta. Do ponto de vista teórico, este texto permeia a geografia humanística, que confere ao lugar um sentido abertamente subjetivo e fluido, e a literatura, em que as manifestações subjetivas sobre o lugar revestem a obra literária do fato identitário.

1 UM EU EM BUSCA DE IDENTIDADE: O SUJEITO DENTRO E FORA DO LUGAR

Acredita-se que este período conturbado e inquietante que se presencia revela uma transição de paradigmas (CAPRA, 1999), num processo em que os alicerces teóricos da visão de mundo cartesiana-mecanicista são

questionados. Esse paradigma, ainda predominante e que até então norteia o pensamento humano neste início de século, tem experimentado um questionamento contundente e significativo em seus conceitos e valores. Tem-se, na atualidade, a crise do paradigma cartesiano-mecanicista em favorecimento da visão voltada para o humanístico, para a busca de uma identidade, mesmo que momentânea.

O sujeito contemporâneo, que se percebe nesse momento, assume o lugar e sua experiência de vida como elementos valorativos, que ressaltam e marcam suas singularidades e expressam sua alteridade em confronto com discursos e processos homogeneizantes. O lugar emerge e se fortalece como diferenciador e construtor de uma identidade particular. O sujeito se vê diante de um processo de aparente nulidade, mas que, na verdade, é de reconstrução. Segundo Santiago (1982, p. 17), cabe a colocação de que, na contemporaneidade, “somos explicados e destruídos; somos constituídos, mas já não somos explicados”.

A questão da identidade, principalmente a cultural, entra em crise na contemporaneidade. Para Ortiz (1991), durante muito tempo a identidade brasileira ficou em torno do “nacional-popular”. O crítico resalta que a realidade contemporânea exige ou impõe a emergência de uma identidade “internacional-popular”. Com isso, a relação estabelecida e situada nesse sistema abrangente apreenderia o sentido de nacional. Isso porque se percebem os seres humanos envolvidos por elementos simbólicos (lugar, cultura local, a casa, o discurso) com os quais constroem a própria identidade. Diante da chamada globalização, esses símbolos se confundem criando a angústia de se querer um Eu maior, fora do lugar.

Globalização é a expressão de uma “ordem global” que busca impor uma única racionalidade a todos os lugares (SANTOS, 1996). Tal movimento ou tentativa de homogeneizar (e hegemonizar) não ocorre, todavia, sem resistência. O lugar, base de singularidades, é expressão territorial desta resistência. Em que pese à discussão sobre a ideia da globalização, em torno do sentido (na verdade, um mito) de que seu movimento é onipresente e homogeneizante, de fato estamos diante de um período de ampla conectividade entre os lugares. Mas tal integração não é plena, e sim funcional e, sobretudo, comandada por interesses econômicos (HAESBAERT; LIMONAD, 2007).

Assim, a globalização é de natureza eminentemente comercial e financeira e somente possível graças aos significativos avanços, em especial, nas tecnologias da informação e nos meios de transporte (CASTELLS, 2000). A era é da velocidade e da informação, que mobiliza e faz circular, em escala sem precedentes, pessoas, produtos e serviços. Essa fluidez cada vez maior alterou significativamente a realidade dos lugares (não todos os lugares), materializando neles interesses “estranhos” e ações comandadas remotamente (SANTOS, 1996). Mas seria um equívoco pensar que essa

fluidez possibilitada pelos avanços tecnológicos é absoluta e onipresente. Caberia perguntar, como Santos, “Se a técnica cria aparentemente para todos a possibilidade da fluidez, quem, todavia, é fluido realmente? Que empresas são realmente fluidas? Que pessoas? Quem, de fato utiliza em seu favor esse tempo real?” (SANTOS, 2000, p. 29).

De fato, a chamada globalização se caracteriza como movimento seletivo, fragmentador e excludente (HAESBAERT; LIMONAD, 2007). Seus efeitos, por conseguinte, afetam distintamente pessoas e lugares e podem ser favoráveis ou não, a depender do ponto de vista ou interesse considerado. Dentre suas consequências, foram (e continuam sendo) significativamente impactantes sobre a humanidade o volume e velocidade com que circula a informação e a ampla mobilidade do capital, sobretudo financeiro (BAUMAN, 1999, p. 191).

Igualmente significativa, sob a égide da “Era da Informação”, é o contato cada vez mais intenso com a diversidade cultural. O maior contato (e, sobretudo, convívio) com o “diferente” afeta essencialmente a dinâmica de (re)construção de identidades. Para Castells (2000), a identidade é criada a partir de um processo de constante construção de símbolos significantes, com base em um atributo cultural ou um conjunto de atributos culturais, que se inter-relacionam mutuamente, sempre prevalecendo “sobre outras fontes de significado”. Pode-se assim entender que um determinado indivíduo pode apresentar identidades múltiplas, sem que haja necessariamente perda de sua individualidade. Aparentemente antitética, a ideia revela a pluralidade de perspectivas que se pode revelar em situações cotidianas. Os símbolos só ganham dimensões significativas para o indivíduo conforme o atendimento de suas necessidades; e tais símbolos são adquiridos durante a sua vivência no lugar. É importante salientar que, como afirma Castells (2000, p. 22), “[...] essa pluralidade é fonte de tensão e de contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social”.

A estreita relação entre identidade e lugar passa pela chamada “desterritorialização” do sujeito, ideia que, para Haesbaert (1994), é um “mito”, quando relacionada a “desenraizamento” do sujeito ou ao “desaparecimento” dos territórios (por conseguinte, das fronteiras). Tal crítica revela que, antes desta aparente perda da importância do território diante dos processos econômicos, o que está ocorrendo é o fenômeno da multiterritorialidade, ou a vivência de múltiplos territórios, que amplia a possibilidade de recriar espaços de convivências. A própria fronteira deixa de ser vista como mero limite territorial, porque já se comporta como zona de interações, confrontos e híbridos culturais e sociais.

Em tal contexto, como situar o indivíduo? A orientação vem de Santos (1996):

Vivemos um tempo de mudanças. Em muitos casos, a sucessão alucinante dos eventos não deixa falar de mudanças apenas, mas de vertigem. O sujeito no lugar estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava: uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar, onde cada indivíduo era ativo (SANTOS, 1996, p. 222).

Num período em que a mobilidade parece ser a regra, o indivíduo experimenta a condição, praticamente simultânea, de estar no lugar e fora dele. Tal perspectiva é certamente uma novidade, mas muito mais uma fonte de confusão e angústia. Num momento, o indivíduo busca a convivência com o que lhe é particular, íntimo, próximo e contíguo; experimenta e reforça seu sentido de pertença ao lugar. Em outro momento, tem sua atenção e consciência voltadas para ações e interesses (econômicos, políticos, trabalhistas) externos, que o reposicionam fora do lugar. Multiplicam-se assim as territorialidades (HAESBAERT, 1994), como também as identidades (CASTELLS, 2000).

Neste novo contexto, a memória e a localização estão diretamente ligadas à construção da identidade, que se dá a partir do lugar de vivência e da mobilidade do indivíduo. Envolvida pela posição que o sujeito assume (ou é forçado a assumir) em relação a interesses próximos ou distantes, a questão da identidade se coloca contundentemente no lugar. Apresenta-se, pois, como movimento dialético entre o “eu” e o “outro”; o antigo lugar e os novos lugares, que se sucedem na mobilidade do indivíduo; local e global. De que lhe serve a memória, então?

A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado (SANTOS, 1996, p. 224).

Em meio a esta profusão identitária, o lugar se apresenta ao indivíduo como referência fundamental. Trata-se de uma espécie de entrincheiramento, em que o sentimento de pertencer a um lugar recobra a lucidez e a serenidade para continuar enfrentando os desafios. O comportamento não é apenas de refúgio, mas de resistência.

O fato importante, para os limites deste texto, está na ideia do lugar como fonte de significados, de imagens e cenários para o poeta expressar, pela palavra, sua própria visão do mundo. É assim que Manoel de Barros se

relaciona com seus lugares de infância “Pantanal e Corumbá”. Tal correlação identitária, entre o poeta e os lugares onde viveu (ou vive), de modo algum significa diminuir (ou negar) o alcance ou a representatividade de sua obra. É a partir do lugar que se alcança o mundo ou, como diria Tolstói, “Para ser universal, basta falar da sua aldeia”. Em Manoel de Barros, tudo passa pelo olhar particularizado de seus habitantes: “via o mundo como a pequena rã vê a manhã/ de dentro de uma pedra.” (BARROS, 1990, p. 157).

2 O LUGAR DA SUBJETIVIDADE: O PANTANAL DE MANOEL DE BARROS

A subjetividade, assim como o lugar, passa muito antes pelo indivíduo, por um diálogo interno sobre seu sentimento diante dos elementos simbólicos, que se revelam diante dos olhos. Apresentando-se como uma realidade envolvida pelo psíquico e pelo emotivo do ser humano, a subjetividade transita nos âmbitos individuais e coletivos, manifesta-se, quando despertada, além do introspectivo.

No Dicionário Aurélio¹ encontra-se tal definição para a palavra subjetividade relativa a “subjetivo”:

1. Relativo a *sujeito*. 2. Existente no *sujeito*. 3. Individual, pessoal; particular:. 4. Passado unicamente no espírito de uma pessoa. 5. Diz-se do que é válido para um só *sujeito* e que só a ele pertence, pois integra o domínio das atividades psíquicas, sentimentais, emocionais, volitivas, etc. deste *sujeito*. [Cf., nesta acepç., *objeto* (9).] 6. Filos. Que provém de um *sujeito* enquanto agente individual, ou coletivo. [Cf., nesta acepç., *objeto* (10).]

Percebe-se que o termo “sujeito”, e tudo aquilo que é apreensível à sua percepção, é marcado pelo segmento “que só a ele pertence”. Normalmente, relaciona-se a subjetividade com atividades sentimentais que cada indivíduo carrega, sente, entende e/ou transmite. O sentimento de “lugar” aproxima-se dessa concepção. Segundo Benveniste (1989), é através da linguagem que se edifica ou constrói um sujeito, pois é por ela que a realidade individual (subjetividade) se apresenta de maneira perceptível. A “subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1989, p. 286).

¹ Disponível em: <<http://200.225.157.123/dicaureliopos/login.asp>>. Acesso em: 13/10/2010.

Sendo assim, entendida como realidade presente em todo sujeito e que evidencia marcas que o singularizam, o lugar da subjetividade na poética manuelina encontrará no espaço pantaneiro e corumbaense seu sentimento de pertença. Tal sentimento transborda o aspecto realista como paisagem e surge como interação e, por muitas vezes, amálgama com o ser humano e com as memórias do poeta.

2.1 MANOEL DE BARROS SEM O PANTANAL! QUAL POETA?

A existência humana é um fato espacial² e, nesse sentido, o lugar é parte integrante da identidade de qualquer pessoa, portanto indissociável da cultura e da história. O lugar, além de espaço percebido, é também espaço sentido e esse sentimento é fundamental a uma verdadeira relação de respeito e compromisso com o ambiente social e natural.

Do ponto de vista humanístico, o lugar é o espaço de convivência, no qual as pessoas constroem suas vidas, com o qual elas se identificam e ao qual associam a sua história. Nele, a proximidade relacional (portanto, não necessariamente física) é fator de apropriação, além de reforçar a cultura e a identidade (SANTOS, 1996). Pertencimento a um lugar é um sentimento tão importante à pessoa quanto pertencer a uma família ou grupo social. Trata-se, pois, de um sentimento em duplo sentido, já que a pessoa tanto se sente pertencente a um determinado lugar quanto o considera seu. Ao longo da vida, as pessoas tomam para si elementos do espaço que adquirem algum significado em suas vidas. A escola, uma esquina, um riacho, uma casa, uma árvore, entre tantas outras, podem ser referências importantes, especiais, para toda a existência de uma pessoa. O que torna o espaço um lugar é, essencialmente, a emoção e o simbolismo que o referenciam na existência humana (TUAN, 1976).

Neste sentido, o lugar possui dimensões e limites fluidos, fundados em uma apropriação espacial subjetiva. Este lugar ocupa os sentidos primordiais do ser humano e se refugia na memória. Esta conexão com o que é ao mesmo tempo interior (sentimento de pertença) e exterior (o ambiente social e espacial familiar) é despertada, muitas vezes, por lembranças que pairam na memória. Na poética contemporânea, a experiência, real ou fortemente imaginada, é o plano de fuga, de segurança, de perturbação, de peripécias ou apenas de contemplação.

Na percepção de Manoel de Barros, em tempos de cheia, o Pantanal não possui limites, diluídos na grandeza de suas dimensões geográficas.

² A afirmação alude ao lugar na visão aristotélica, segundo a qual o que existe está em algum lugar.

Esse lugar, para o poeta, torna-se parte integrante de um complexo orgânico que flui da interação entre os elementos da natureza e o ser humano para o branco do papel.

Neste sentido, ainda que o Pantanal, uma planície de inundação de mais de 250 mil km², geograficamente, possa ser tratado como região, do ponto de vista humanístico, pode ser entendido e considerado um lugar. Certamente, tal proposição não se apoia em critérios de tamanho ou escala, mas na identidade, na presença que exerce força sobre as atitudes, pensamentos, hábitos e linguagem do sujeito. Ou seja, o Pantanal não é apenas uma área com extensão, mas uma realidade sociocultural identificada por elementos simbólicos que marcam a identidade de quem vive ou viveu nesse lugar. Assim, ainda que impossibilitado de vivenciar toda a extensão do Pantanal, o poeta Manoel de Barros (pantaneiro de coração e vivência) se identifica com elementos representativos da realidade pantaneira: as espécies endêmicas da fauna e flora, as inundações periódicas, os corixos, as lagoas, os costumes, o linguajar.

Pensando neste lugar, que é desenhado e demonstrado pelo poeta, com uma aceção tão memorialística, tem-se, assim, um aparente enfraquecimento das reais delimitações contemporâneas de tempos, espaços, lugares, valores, dentre outros processos limitantes. Nesta perspectiva, o Pantanal confere ao poeta Manoel de Barros particularidade, identidade que exala cor, sabor e sentido.

2.2 PANTANAL E POESIA: A TOPOFILIA MANOELINA

Na contemporaneidade, o lugar é percebido como elemento determinante que, de certa maneira, ressalta a alteridade. Com isso, o que hoje se percebe é o aparecimento fortalecido de uma tendência de se valorizar o hibridismo e suas manifestações, respeitando as diferenças nas próprias diferenças, sem que haja confluência para um único todo, mas cada qual convivendo com os externos e heterogêneos, como salienta Drumond (2008).

A linguagem, o discurso proferido do lugar se torna um dos principais instrumentos para representar e expor as particularidades do indivíduo. Manoel de Barros aprecia a mistura dialética de algumas línguas estrangeiras, do dialeto pantaneiro, da linguagem infantil e de novos vocábulos para expressar em sua poesia a busca por uma expressão mais “original”.

Uma linguagem voltada para o “regional”, para o que há de simples (ou até mesmo primitivo). Tal focalização irá privilegiar as formas inéditas do neologismo, isto é, de vocábulos que não possuem registro no dicionário, mas podem ser criados por vários processos linguísticos, na ânsia de se conseguir conceber para a palavra um significado mais abrangente (MAR-

TINS; MARINHO, 2002). Com isso, percebe-se que a linguagem constrói os relacionamentos dentre os vários aspectos da vida ou do cotidiano, criados a partir do demiúrgico/onírico ou da realidade transmutada.

O evento linguístico transfere-se para o discurso escrito e experimenta no lugar de enunciação sua peculiaridade. O poeta Manoel de Barros confere à linguagem uma roupagem mesclada pelo “glocal” (expressão utilizada por Nestor Garcia Canclini para evidenciar o “entre”, nem global, nem local), como se pode perceber nos exemplos abaixo:

Exemplo 1: “- *Cumpadre antão me responde: quem coaxa exerce alguma raiz?*

- *Sapo, cumpadre, enraiza-se em estrumes de anta. [...]*

- *E martelo/grama de castela, móbile/estrela, bridão/ lua e cambão/ [...] que são?*

- *Palabras.*” (Gramática Expositiva do Chão, p. 174)

Exemplo 2: “- *Mijo de véia não disaparta nosso amor, né benzinho?*

- *Yes!*” (Gramática Expositiva do Chão, p. 44)

Nota-se nestes exemplos que as sentenças expressam o linguajar do homem pantaneiro transcritas para a obra manóelina da mesma maneira que são faladas. Dentro do contexto, o pantaneiro, aparentemente, assimila e constrói, partindo do substrato de uma linguagem que mescla palavras estrangeiras com regionais, uma peculiaridade linguística. Contudo, a inovação, que provém desta mistura linguística, provoca inquietude no momento da leitura. A particularidade desse inusitado discurso é transposta na narrativa de Manoel de Barros como presentificação que expõe a alteridade linguística. O poeta demonstra, através das peripécias normativas da língua, um jogo de possibilidades discursivas. Aparentemente, narrador e personagens têm a mesma linguagem – há um chamado cúmplice entre discursos. Percebe-se que a mistura de dialetos e línguas estrangeiras suscita no leitor um sentimento inesperado diante do discurso lido, pois não se espera encontrar termos estrangeiros vizinhando, ao mesmo tempo, com uma linguagem mais regional. Há uma reciprocidade no diálogo do leitor com sua leitura, seu sentido e o texto. Este encontro, feito no discurso, torna o estranhamento desejável. Um apelo à compreensão, uma troca legítima entre a obra e o leitor.

Segundo Bertrand (2003),

Relação estreitamente recíproca: o leitor, ao ler, atualiza o texto e seu sentido, de acordo ou não com suas expectativas e previsões advindas de sua competência linguística e cultural. Mas o texto

também procura e cria seu leitor: ele o inventa o mais próximo possível da linguagem, na sua substância e nas suas formas, suscitando a dúvida, a inquietude e a surpresa. Por meio da diversidade dos modos de crenças que a leitura propõe, eis que se reencontram, invertidas, a experiência cultural do mundo (BERTRAND, 2003, p. 413).

Ao se inverter “a experiência cultural do mundo”, o texto aproxima-se do leitor e se apresenta de maneira única. A conversa distraída (Exemplo 1), mas ao mesmo tempo profunda, entre os “cumpadres”, demonstra a ingenuidade do diálogo e a complexidade do entendimento lúdico. As palavras, instigadas pelo componente interrogativo contínuo do “cumpadre”, revela o ato da compreensão de que as coisas, cujas nomeações esclarecem as dúvidas do companheiro de diálogo, **são simplificadas por apenas um segmento: “palabras”**. A experimentação cultural do mundo é, no exemplo acima citado, invertido no momento que os personagens vivenciam as dúvidas e as concretizam em palavras inusitadas. As experiências imaginativas que constroem o sapo que se enraíza nos dejetos da anta são exemplos de que a palavra materializa a estranheza, ao mesmo tempo em que a explica. O poeta Manoel de Barros, ao ressaltar o neologismo “palabras”, provoca o leitor e o coloca diante da simplicidade e da imensidão de possíveis perspectivas. Segundo Burckhardt (1978, *apud* HAMBURGER, 2007, p. 54), “[...] para ser rica, a palavra ‘deve primeiro se tornar estranha’”. É neste sentido que a poética manoelina se manifesta e/ou se baseia.

Para o poeta Manoel de Barros, o Pantanal se transfigura em um microcosmo que não possui limites. Sendo um “ambiente isolado”, o homem pantaneiro também se faz igual. O poeta, que possui uma fazenda na região de Nhecolândia, no Pantanal, e que conhece essas terras de sua infância como poucos, perfaz o caminho deste microcosmo à procura da matéria para sua poesia, relacionando a região pantaneira à sua meninice. A descrição do Pantanal e seus costumes imbricam-se em um cenário que o poeta carrega para seus livros, fazendo-se não só de lugar para as peripécias de sua infância como também elemento vivo. Um berçário para a vida dos ínfimos e pequenos animais que fazem parte deste ambiente.

Manoel de Barros descreve as longas horas em que o homem pantaneiro fica na sela de seu cavalo para levar a boiada ao seu destino, sendo os “causos”, as brincadeiras, os apelidos, os sonhos e devaneios os poucos recursos para reduzir esse isolamento e as saudades. É no alagamento do Pantanal que pequenos cosmos fertilizam-se, renovam-se, contudo é na seca que a vegetação e os animais morrem e empobrece o pantaneiro, como podemos perceber em descrição do poeta que resume este processo de vida e morte:

Exemplo 3: *“Sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas têm a mesma natureza assumida igual. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem químicas do civilizado. O velho quase animismo.”* (Livro de Pré-Coisas, p. 36).

A “natureza assumida igual” revela o silêncio que percorre o pantaneiro e seu lugar. A identidade se apresenta na fusão de “mesma natureza intacta”. Todos os elementos que envolvem a construção identitária passam pelo sujeito, por sua subjetividade, sem a intervenção da sociedade. O homem pantaneiro, este “velho quase anímico”, diante da imensidão e do rigor da seca, transmuta-se, liga-se aos elementos simbólicos (árvores, bichos e pessoas) para participar, de maneira equiparada, dos longos estios do Pantanal.

O poeta Manoel de Barros não quer ser conhecido como “poeta do Pantanal”, apesar de esse ambiente ser recorrente na sua obra: “A expressão me deixa circunstanciado. Não tenho em mente trazer contribuição para o acervo folclórico do pantanal. Meu negócio é com a palavra” (ARRUDA, 1989, p. 317).

A poesia de Manoel de Barros não tenta fazer uma cópia de uma natureza inerte, nem mesmo um reflexo dessa natureza; essa natureza, por outro lado, mistura-se com o ser humano de maneira viva e confundível. Os seres que se desdobram dessa fecundação possuem “natureza assumida igual” e chegam a beirar o estranho, o anormal. No entanto, sem limites e nem margens é também o Pantanal e toda sua dimensão de possibilidades de coexistência entre seres.

Exemplo 4: *“[...] nem quase tem lado por onde a gente chegar de frente nele”* (Livro de Pré-Coisas, p. 69);

ou então:

Exemplo 5: *“No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.”* (Gramática Expositiva do Chão, p. 237).

Vê-se que os “mundos” descritos acima são representações de uma região específica, de um lugar delimitado. O homem é rodeado por uma natureza que está viva e o circunda de tal maneira que não existe saída, e a única possibilidade é fazer parte, lado a lado, ou transformar-se em parte desse cenário que toma conta do ser. Com isso, o homem pantaneiro irá expor sua particularidade, agora metaforizada e transmutada na sua própria linguagem:

Exemplo 6: *“Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botan-*

do enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites. Certo é que o pantaneiro vence o seu estar isolado, e o seu pequeno mundo de conhecimentos, e o seu parco vocabulário, recorrendo às imagens e brincadeiras. Assim, peão de culatra é bago-de-porco, porque vem por detrás.” (Gramática Expositiva do Chão, p. 240).

O discurso é a fonte de aproximação da realidade com o espaço em que vive o homem. É no hábito de ir “botando enchimento nas palavras”, de colocar apelidos e conversas descontraídas que o pantaneiro disfarça a saudade e “vence seu estar isolado”. O isolamento, aspecto muito ressaltado na poética manoelina, compõe a perspectiva de identidade do pantaneiro. Sente-se a conformidade que há entre a maneira com que o poeta dirige a língua e os elementos que cercam o *peão*. É de modo sorrateiro, por trás, que o *peão* se aproxima. Nas comitivas, o *peão da culatra* tem a responsabilidade de não permitir que o gado se espalhe. Na solidão do ser pantaneiro a linguagem encontra maneiras de minimizar as distâncias, o isolamento, o pouco “conhecimento” e até mesmo o finito “vocabulário”.

Para Barros, a natureza, devido a seu grande poder de magnitude, transforma tudo, é geradora de seres animados e inanimados. A realidade é sempre resultado de várias misturas:

Exemplo 7: *“O chão pare a árvore/ pare o passarinho/ pare a/ rã – o chão/ pare com a rã...”* (Gramática Expositiva do Chão, p. 164).

Este verso representa o elemento terra como geradora da vida. Não vemos o homem como centro da ação e sim parte dela, transfeito nela ou simplesmente metaforizado na natureza, pois a árvore (simbolizando a vida, a terra, a natureza) coloca-se como metáfora, ou uma personificação da “fêmea” que procria e pare seus filhos, suas criaturas.

Inúmeras facetas dos costumes pantaneiros são relatadas pelo poeta de maneira inovadora:

Exemplo 8: *No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros, é no uso de canto e recontos que o pantaneiro encontra seu ser. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação.* (Gramática Expositiva do Chão, p. 239).

Tendo em vista algumas perspectivas dos costumes ditos regionais, Manoel de Barros descreve a realidade vivida e experimentada em sua memória. A memória é a preservação de um passado local ou coletivo, construtora de significados e um tipo de fronteira. É, também, fator de conhecimento e reconhecimento de um discurso que privilegia o sujeito, sua experiência e seu lugar. A memória corrobora para a construção da identidade do indivíduo. Manoel de Barros resgata a percepção culturalística da memória para conferir à sua poética a marca da sua identidade, da particularidade da sua produção. É a partir do lugar de onde se lê, de onde se rememora e de onde se profere o discurso que constituímos uma identidade.

Os “causos”, ou histórias locais, são repassados como estruturas que contribuem para a permanência de uma originalidade ou da tradição. Estes acontecimentos são maneiras de se passar adiante lendas/crendices de uma determinada região do país e para o divertimento (ou assombramento) das pessoas do interior pantaneiro.

Exemplo 9: *‘Boi que amansa amanhece na canga, meu amo. Animal que dá pelo, bentevi caga nele. Bão é pão chão e Vão. Ruim é gordura de caramujo e onça ferventada. Oive de mi, xará. Quem não ouve conselho, conselho ouve ele.’ Provo as delicias de uma cobra assada que me oferece Nhá Velina. Depois comeremos siputá.* (Gramática Expositiva do Chão, p. 230).

Aparentemente, é através de conselhos e ditados populares que melhor se constrói os ensinamentos do local. Os provérbios repassam, na maior parte, expressões que maximizam exemplos morais, filosóficos, sociais e religiosos. Repleto de conselhos, o personagem tenta repassar o que lhe parece importante para aquele que ouve atentamente. As conversas prolongadas em volta da fogueira propiciam a troca de conhecimentos. Contudo, o poeta Manoel de Barros inclui e recria ditados que apresentam o universo da natureza pantaneira. Para Manoel de Barros, os contos possuem a capacidade de reduzir o isolamento que o homem pantaneiro sente e vive.

Exemplo 10: *Depois, contam, Cláudio levou esse jacaré para casa / Que vive hoje no seu terreiro / Bigiando as crianças. / Pode ser.* (Gramática Expositiva do Chão, p. 50);

Ou então,

Exemplo 11: *À noite vinha uma cobra diz-que/ Botava o rabo na boca do anjo/ E mamava no peito de Petrônia./ Juvêncio acariciava o ofídio/ Pensando fossem os braços roliços da mulher./ Pe-*

trônia tinha estrececimentos doces/ Bem bom. (Gramática Expositiva do Chão, p. 53).

Trata-se, também, de um recurso que atrai, “amedronta” e aproxima o leitor da obra. Cria um “clima” de sobrenatural, divino, misterioso, perfeito para a imaginação percorrer pelos caminhos da infância, em que estes “causos” serviam para assombrar os sonhos e repreender algumas crianças travessas. Entretanto, nesse caso, essas histórias/estórias, algumas vezes oníricas, outras (parecem) verdadeiras são um dos poucos companheiros de uma longa viagem, que o homem pantaneiro, um desbravador de sertões, vive.

A descrição de Corumbá, cidade que é divisa com a Bolívia e onde Manoel de Barros passou boa parte de sua infância, assume cumplicidade, como se pode observar na seguinte passagem:

Exemplo 12: *Arremeda uma gema de ovo o nosso pôr-do-sol do lado da Bolívia. A gema vai descendo até se desmanchar atrás do morro. (Se é tempo de chover, desce um barrado escuro por toda a extensão dos Andes e tampa a gema.)*
“Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem!”
Deste lado é Corumbá. Além de cansação, nós temos cuia-banos, chiquitanos, paus-rodados e turcos. Todos por cima de uma pedra branca enorme que o rio Paraguai borda e lambe. (Gramática Expositiva do Chão, p. 228).

Tal sentimento transborda o aspecto realista como paisagem e surge como interação e, por muitas vezes, amálgama com o ser humano e com as memórias do poeta.

Esse lugar, para o poeta, torna-se parte integrante de um complexo orgânico que flui de suas próprias veias para as seivas, para o inanimado, dando-lhes “vida” conjunta, como demonstram os seguintes trechos do poema *Manoel por Manoel e Formação* (BARROS, 2008):

Exemplo 13: *Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. [...] Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo*

sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (“Manoel por Manoel”);

Exemplo 14: *Fomos formados no mato – as palavras e eu. O que de terra a palavra se acrescentasse, a gente se acrescentava de terra. O que de água a gente se encharcasse, a palavra se encharcava de água. Porque nós íamos crescendo de em par. Se a gente recebesse oralidades de pássaros, as palavras recebiam oralidades de pássaros. Conforme a gente recebesse formatos de natureza, as palavras incorporavam as formas da natureza. (“Formação”).*

Os próprios títulos denunciam a formação da identidade do poeta Manoel de Barros. Contudo, é na fragmentação ou no reagrupamento das partes que a escrita retoma o escritor e sua porção que o individualiza. A “formação” de Barros se dá pelo retorno de si pela criança e pela fusão dos elementos da natureza nas palavras. Ambos, ou tudo, germina, cresce, transforma-se com a figura e a pessoa do poeta. Tomos que contribuem e que fazem da narrativa e do pessoal um encontro cuja dimensão está aquém do tempo. Para Moriconi (2005), “o traço marcante na ficção mais recente é a presença autobiográfica real do autor empírico em textos que por outro lado são ficcionais” (MORICONI, 2005, p. 14-15), sendo recriado o posicionamento do autor diante do público, uma verdadeira exposição do “ser de papel” (ao modo de Barthes) em traços distintivos diante do olhar do leitor. Nesta perspectiva, encontramos a realidade mergulhada em uma atmosfera ou cenário ficcional: “Fomos formados no mato – a palavra e eu” (BARROS, 2008, *Formação*) e “Era o menino e o sol” (BARROS, 2008, *Manoel por Manoel*).

O sujeito é dissolvido na paisagem, nem agente nem observador. Nesse sentido, lembrando Lopes (2007, p. 87), o mundo e a paisagem “implotem o sujeito” em uma tentativa de trazer o de fora para dentro, sem traumas, apenas um espaço aberto de conciliação das identidades.

O sujeito ficcional mistura-se ao sujeito pessoal, e ao ambiente que o cerca. A vivência e a comunhão entre os seres parecem completas, simbióticas, um amálgama, cuja naturalidade é assumida no menino que brinca “entre formigas”.

Manoel de Barros afirma sua alteridade e a individualização de sua poética em seus poemas: é o sujeito que fala do *seu* lugar, com sua voz. As evocações e as lembranças tornadas memórias que o indivíduo registra nas suas memórias inventadas, tudo é perpassado por sua visão de mundo e sua subjetividade, partindo de si para o Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Manoel de Barros tornou-se um dos elementos para o processo de divulgação da “identidade cultural da cidade” nos dias de hoje. Nenhum poeta matogrossense (cujo coração já se declarou sul-matogrossense) conseguiu tamanha projeção e sua poesia é distribuída nas escolas como produção valorativa que resgata a “cor local” ou que fala de uma realidade próxima de maneira lúdica, infantil, brincando com as palavras. Através da sua literatura, na revalorização e no resgate da memória e cultura locais, a poética desse escritor ressignificou o sentido de pertencimento local. A projeção nacional da obra de Manoel de Barros valorizou essa produção local. Pode-se, pois, dizer que esta produção exemplifica a questão de sair do periférico e apresentar-se, na sua subjetividade, na sua alteridade para os grandes “centros culturais” (São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba), refletindo seu valor.

O lugar de onde o poeta Manoel de Barros profere o discurso é essencial para demarcar e demonstrar sua alteridade. O lugar em sua poética não se apresenta somente como memória longínqua, ou pano de fundo de peripécias infanto-juvenis, nem tampouco diz tudo de sua escrita. Ele é elemento diferenciador e potencializador. Durante toda a obra de Manoel de Barros pode-se perceber a importância do lugar, da memória, da infância e toda a simbiose que ocorre entre estes elementos. Entretanto, como assinala Grácia-Rodrigues (2006), o universo de Manoel de Barros é criado, recriado e transferido do plano real para o imaginário, ou seja, é a descoberta constante de novos mundos que perpassam pela existência metafórica da realidade.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Heraldo Povoas de. A Metapoesia de Manoel de Barros. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 abr. 1989. Suplemento, Letras e Artes. p. G-3.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1974. v. 2.

BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

_____. *Gramática Expositiva do Chão (poesia quase toda)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

_____. *Memórias inventadas: terceira infância*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1989.

- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusp, 2003.
- BIRMAN, J. *Ensaio de Teoria Psicanalítica (parte I)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- CAUDAS, Aulete. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 6.ed. Rio de Janeiro: Delta, 1974.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 2.
- DRUMOND, J. N. *Fronteiras movediças: o hibridismo em Grande Sertão Veredas*. Disponível em: <http://hispanista.com.br/revista/Josina_frenteiras.pdf>. Acesso em: 1/7/2008.
- GRACIA-RODRIGUES, Kelcilene. *De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa*. Tese (Doutorado em Estudos Literários) –Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. Território em tempos de globalização. *ETC – Espaço, Tempo e Crítica*, Niterói, v. 1, n. 2(4), p. 39-52, ago. 2007.
- HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia: tensões da poesia modernista desde Baudelaire*. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: CosacNaify, 2007.
- LOPES, Denílson. *A delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília: Universidade de Brasília – Finatec, 2007.
- MARTINS, Waleska R. O.; MARINHO, Marcelo. A obra poética de Manoel de Barros: o processo de criação de neologismos. In: MARINHO, Marcelo *et al.* *Manoel de Barros - o brejo e o solfejo*. 1. ed. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2002. v. 5, p. 47-55.
- MORICONI, Ítalo. *Circuitos contemporâneos do literário (Indicações de pesquisa)*. Comunicação apresentada na Universidade de San Andrés, Buenos Aires, 9/8/2005. Disponível em: [http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos %20contemporaneos%20do%20literario%20\(Italo%20Moriconi\).doc](http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos%20contemporaneos%20do%20literario%20(Italo%20Moriconi).doc). Acesso em: 16/5/2009.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: _____. *Vale Quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 13-24.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. *Anais da Associação de Geógrafos Americanos*, v. 66, n. 2, jun. 1976.

Submetido em: 13/07/2011

Aceito em: 08/10/2012